



Março 2022

O que os professores devem saber sobre como lidar com alunos no espectro autista (EA)?

Por que essa questão é importante?

O NDH e GSM preparou e está compartilhando com os professores da FCF um material sobre autismo. Não temos a intenção de que este material seja visto como definitivo, mas sim como ponto de partida na nossa compreensão de como a FCF pode ajudar nossos alunos no espectro autista (EA).

O que se sabe?

Há uma preocupação crescente em acolher de forma apropriada alunos no EA nas universidades. Estima-se que globalmente 1 a cada 68 crianças estejam no EA, sendo que 77% delas frequentam escolas convencionais. Para que se tenha uma ideia da prevalência de alunos no EA nas universidades, sabe-se que 2,4% da população estudantil do Reino Unido é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e menos de 40% dessas pessoas completam sua educação universitária. Para os parâmetros do Reino Unido isso significa que a evasão escolar de alunos EA é 10 vezes maior que a taxa geral. Sabe-se também que pessoas no EA cometem mais suicídio e mais transtornos psiquiátricos quando comparados a pessoas sem TEA.

Não existem regras explícitas de como conduzir o aluno no EA ao longo de sua graduação e os professores, na sua maioria, não se sentem totalmente capacitados e confiantes em conduzir o aprendizado de alunos com TEA mas, se todos estiverem atentos e aprenderem sobre o assunto, conseguiremos lidar melhor com essa questão.

Cada pessoa no EA é única, assim como suas necessidades. É importante estar atento a cada aluno, mas você pode ajudar aprendendo quais são as situações desafiadoras encontradas com frequência.





Saber como o aluno no EA se sente é um bom começo

Relato de um aluno EA

“A principal forma na qual meu autismo me afeta na universidade é meu nível de ansiedade. Se a pessoa tem um nível de ansiedade de 1-2 em uma escala de 10 pontos, minha linha de base é geralmente 6. Isso significa que, se algo acontecer, meu nível de ansiedade vai para 8, ao invés dos 3 para a maioria dos alunos. Por esta razão, eu tenho muitos ataques de pânico. Isso é especialmente óbvio quando se trata de avaliações; a ansiedade nas provas faz com que eu nunca consiga atingir todo o meu potencial.

Outra dificuldade é me ajustar às mudanças. Depois de anos aprendendo, lido melhor agora do que no passado, mas as coisas ainda me pegam de surpresa às vezes. Mudar de casa e professores a cada semestre e tantas outras partes da vida ‘normal’ da universidade podem representar uma dificuldade para pessoas com autismo. Eu tenho que passar um tempo me preparando antes de uma mudança e me ajustando depois. Algumas das situações que acho mais difíceis são aquelas nas quais não tenho tempo para me preparar. Por exemplo, quando uma de minhas disciplinas muda de local no meio do semestre. Quando isso aconteceu, deixei de ir às aulas. Eu não sabia a razão, mas me senti completamente incapaz de comparecer; era como se eu tivesse um bloqueio mental. Meu cérebro não conseguia se ajustar e ter a mesma unidade num lugar diferente, sem nenhum aviso. Refletir sobre isso me ajudou a reconhecer a questão e me ajuda a impedir que isso aconteça novamente. No entanto, seria útil que as universidades entendessem as possíveis consequências não intencionais do que deve parecer “pequenas” mudanças para a maioria das pessoas.

Eu sou uma pessoa muito lógica e literal, o que significa que o que faz sentido para algumas pessoas nem sempre faz sentido para mim (e vice-versa!). Alguém disse uma vez que ter autismo é perguntar por que há uma agulha no palheiro. Às vezes, tenho perguntas sobre coisas que outras pessoas não têm qualquer dúvida. Nas poucas ocasiões em que o professor ou monitores não respondem às minhas perguntas, meu aprendizado pode ser afetado negativamente. Uma parte dos professores se recusaram a dar explicações extras individuais aos alunos e esperam que todos usem a mesma informação. Embora eu entenda o raciocínio deles de que todos devem receber as mesmas informações e recursos, isso pode ser uma barreira para pessoas autistas (e tenho certeza de que o mesmo vale para outras neuro-diversidades com as quais não tenho experiência).”

*O que pode ajudar
um aluno EA?*

- Perceber que cada aluno é único
- Estar ciente que interagir e se comunicar socialmente com outros pode ser um desafio para esses alunos. A sala de aula pode ser percebida como um ambiente aversivo para pessoas no EA.
- Estar ciente que dificuldades sociais e emocionais impactam negativamente o aprendizado.
- Estar ciente das dificuldades do aluno no EA e, se necessário, propor alternativas viáveis diferentes para a avaliação.
- Estar ciente de que o aluno com TEA lida melhor com o conteúdo da aula quando ela está separada em tópicos menores.
- Oferecer apoio, transmitindo segurança e tranquilidade, em caso de crises de ansiedade.
- Avisar com antecedência mudança no planejamento, conteúdo, cronograma, local das aulas.
- Disponibilizar material (textos, slides, vídeos) com a maior antecedência possível antes das aulas.
- Preparar calendários com todas as informações necessárias (horários, professor, local, conteúdo, tipo de atividade, etc.).
- Saber que pode ser desagradável para o aluno no EA, ouvir opiniões ou comentários pessoais sobre o autismo.
- Adotar uma linguagem clara, concisa e simples nas instruções aos alunos.
- Ser bem específico e claro quando passar instruções garantindo que os alunos tenham entendido o que, como e quando fazer.



O que um aluno EA gostaria que você soubesse?

Relato de um aluno no EA

“Há muitas coisas boas sendo autista. Sou realmente apaixonado pelas coisas que importam para mim, adoro aprender coisas novas e, quando posso ser eu mesmo, sou aparentemente muito engraçado. Mas acima de tudo, sou uma pessoa muito receptiva. Eu sei como é ser diferente e ser excluído, então eu tento ao máximo mostrar às pessoas que elas podem ser elas mesmas ao meu redor.

O autismo é o meu jeito de ser. Eu não sei como experimentar o mundo sem autismo, e muito da minha energia é gasta tentando navegar em um mundo neurotípico. Quando fui diagnosticado, o psicólogo comparou ser autista com ser canhoto. Não há nada inerentemente errado com isso, mas o mundo simplesmente não foi feito para ser acessível a nós. Eu trabalho com isso a maior parte do tempo. Passei 20 anos da minha vida aprendendo a me passar como neurotípico e sou muito bom em lidar com isso agora, mas ainda há momentos em que isso pode tornar as coisas mais difíceis.”



Desinformação sobre o que é inclusão

A inclusão significa pro-atividade na identificação das barreiras que os alunos encontram ao tentar acessar oportunidades de educação de qualidade e, em seguida, remover essas barreiras.

Trata-se de atender às necessidades de todos os alunos para garantir que recebam uma educação de qualidade e tenham a oportunidade de atingir seu potencial.

Muitas vezes são feitas suposições de que “inclusão” significa que os alunos precisam estar nas salas de aula regulares o tempo todo. Quando a inclusão é interpretada dessa maneira, os alunos podem não ter acesso a ajustes que atendam adequadamente às suas necessidades.

A implementação de quaisquer ajustes precisa ser adaptada às necessidades individuais dos alunos.

Também é preciso cuidado para não correr o risco de generalizar demais, pois os alunos no EA são tão diferentes uns dos outros quanto qualquer outro aluno.

Os alunos no espectro autista podem precisar de um tempo longe de outros alunos e das demandas da sala de aula regular. A frequência com que isso precisa acontecer será baseada nas necessidades individuais dos alunos envolvidos. Fazer isso os ajudaria a gerenciar não apenas os desafios sociais e sensoriais do ambiente escolar, mas também o estresse e a ansiedade.



Você também pode ajudar a FCF a pensar sobre espaços de aula que sejam mais receptivos aos alunos EA: espaços para aula claros, bem iluminados, limpos, organizados, sem desordem visual.

Fontes

1. Autism at University – being an autistic student
<https://www.bristol.ac.uk/blackwell/news/2020/autism-at-university--being-an-autistic-student.html>
2. Supporting students with autism in the classroom: what teachers need to know
<https://theconversation.com/supporting-students-with-autism-in-the-classroom-what-teachers-need-to-know-64814>
3. Supporting Students with Autism: Strategies that Really Work in the Classroom
<https://cpl.asn.au/journal/semester-2-2019/supporting-students-with-autism-strategies-that-really-work-in-the-classroom>
4. Saúde mental e autismo: o que estamos deixando de lado?
<https://genialcare.com.br/blog/saude-mental-autismo>
5. Autistas e neurotípicos: como melhorar a comunicação?
<https://genialcare.com.br/blog/neurotipicos-atipicos-comunicacao/>
6. Capacitismo: o que é e como afeta pessoas autistas
<https://genialcare.com.br/blog/capacitismo/>
7. Direitos dos autistas: conheça as leis no Brasil
<https://genialcare.com.br/blog/direitos-dos-autistas/>



Núcleo de Direitos Humanos – FCF-USP

O Núcleo de Direitos Humanos é um grupo formado por alunos, docentes e funcionários da FCF que busca fortalecer o respeito aos direitos humanos e individuais, através de atividades, práticas e produção de conteúdo. Se quiser conversar com o NDH, encaminhe mensagem para nucleodireitoshumanosfcf@usp.br. Se preferir, você também pode procurar diretamente alguém do NDH.

GRUPO DE
SAÚDE MENTAL



Grupo de Saúde Mental – FCF-USP

O Grupo de Saúde Mental foi criado com uma ramificação do Escritório de Saúde Mental da USP e, em parceria com o NDH, busca atender as demandas da Comunidade FCF com objetivo de promover atividades visando o bem-estar e saúde mental.

Se precisar, conte com a gente!
saudementalfcf@usp.br